

Um clássico por formação

Tancredo de Almeida Neves foi um político de formação clássica que ocupou todos os cargos mais importantes da vida pública. Nascido a 4 de março de 1910 na cidade mineira de São João Del Rey, onde iniciou-se na vida pública, como vereador. Tancredo só não exerceu, a rigor, a função de Presidente da República, porque foi internado às pressas no Hospital de Base de Brasília, véspera de sua posse como Presidente do Brasil, na madrugada do dia 14 de março último.

Para este cargo, Tancredo elegeu-se a 15 de janeiro de 85 com uma maioria de 300 votos, no Colégio Eleitoral, sobre o seu opositor, o deputado Paulo Maluf (PDS-SP). E por isto que o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, José Hugo Castelo Branco, afirmou que «Tancredo Neves tomou posse como Presidente da República no coração do povo».

Carreira

Advogado por formação acadêmica, empresário bem-sucedido, Tancredo ocupou o seu primeiro cargo público como vereador de São João Del Rey. Posteriormente, chegava a presidência da Câmara Municipal. É aquilo que costuma chamar-se de carreira política clássica.

E quando o regime político brasileiro saia da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), Tancredo preparava-se para ingressar na vida política estadual em seu Estado, elegendo-se deputado estadual (1946-1951). A partir de então, o espaço político de Minas Gerais ficaria pequeno para a atuação de um dos seus filhos mais ilustres. E Tancredo partiu então para ocupar o papel que lhe estava reservado pelo destino na política do País, ao eleger-se deputado federal por cinco legislaturas: 1951 a 1955, de 1963 a 1967, de 1967 a 1971, de 1971 a 1975 e de 1975 a 1979.

Projeção

Por esta época, Tancredo já era um nome de projeção nacional. O seu mandato como senador aconteceu no período de 1978 a 1982. Como deputado, ele ocupava a liderança do seu partido, o MDB, que passou a chamar-se posteriormente de PMDB, com a reforma partidária que extinguiu os partidos, MDB e Arena (que passaria a chamar-se PDS) e não chegou a concluir o mandato de Senador porque disputou as eleições para governador de Minas Gerais, em 1982.

Tancredo, é claro, conseguiu uma das votações mais expressivas da história política de Minas Gerais, em 1982, ao governo do Estado: 2,8 milhões de votos. Nenhum outro governador mineiro conseguiu eleger-se com essa votação. Foi simplesmente a glória para um político que, 22 anos antes (1960) perdera as eleições para este mesmo cargo, para Magalhães Pinto.

Consenso

E foi como governador de Minas Gerais, ainda a 22 de junho de 1983, que Tancredo Neves, numa reunião-almoço com jornalistas, no Palácio das Mangabeiras, em Belo Horizonte, lançou publicamente a sua grande tese política, que muito contribuiu para consolidar sua vitória no Colégio Eleitoral que reuniu-se a 15 de janeiro de 85 para escolher o sucessor do presidente João Figueiredo. Era a tese do consenso.

«Em clima de luta partidária» — argumentou o então governador mineiro —



Meio século de vida pública

«e de luta de classes, nós não venceremos as dificuldades que temos pela frente. O entendimento zela pela Constituição, zela pelo cumprimento da lei, pelo prestígio das autoridades constituidas e um movimento dessa natureza visa tudo: fortalecer a Constituição, a legislação vigente, as autoridades constituidas e cria maiores condições para o estabelecimento da ordem democrática».

Foram estas, em linhas gerais, as teses básicas do consenso, criadas e defendidas por Tancredo Neves.

Histórico

É claro que uma tese como a defendida por Tancredo Neves — considerado um dos poucos políticos nacionais que têm realmente uma experiência histórica — estaria fadada a total receptividade entre a classe política. E parte dessa experiência histórica, o homem Tancredo Neves compartilhou com grandes figuras da vida pública nacional, como os ex-presidentes Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart.

De Getúlio Vargas — político pelo qual Tancredo nutria uma admiração maior em relação a JK e Jango — Tan-

credo foi o ministro da Justiça no período constitucionalista. E, de Juscelino, foi o ministro da Fazenda. De João Goulart, Tancredo foi o Primeiro-Ministro da República no governo parlamentarista, nascido após a crise política provocada com a renúncia do então presidente da República, Jânio Quadros, em 1961.

Testemunha

Assim, Tancredo não apenas contribuiu, de uma forma ou de outra, com o processo histórico brasileiro, como foi ainda testemunha e personagem de fatos marcantes. Por exemplo: quando o presidente Getúlio Vargas suicidou-se na madrugada do dia 24 de agosto de 1954, Tancredo esteve na cabeceira do presidente, momentos antes do suicídio que abalou o País. Foi de Getúlio, aliás, que Tancredo herdou a famosa caneta com a qual o presidente assinou a sua hoje histórica carta-testamento.

Tanto no episódio vivido ao lado de Getúlio, como no momento político nacional que antecedeu ao golpe militar de 31 de março de 1964, Tancredo pregou sempre a legalidade democrática, o respeito à Constituição e às instituições democráticas. Getúlio havia sido eleito pelo voto popular para a Presidência da República, no governo constitucionalista, e os militares queriam depô-lo.

E Tancredo, como o seu ministro da Justiça, pregou a legalidade. E mais: disse a Getúlio que era preciso resistir a todo custo ao golpe militar que se avizinhava e que só foi mesmo evitado, naquele momento, devido ao estado de comômodo nacional gerado pelo fato do suicídio de Vargas. Em 1961, com a renúncia de Jânio Quadros, Tancredo pregou a concórdia, o respeito à Constituição, para evitar uma crise política de maiores proporções.

Unanimidade

Hoje, quando mais uma vez o destino político coloca Tancredo Neves em situação de unanimidade nacional, com o grande amor que o povo brasileiro demonstrou durante todo o período de enfermidade do principal articulista e arquiteto do governo da Nova República, este mineiro de São João Del Rey deixa para todos a sua lição de homem público, onrado, honesto e sobretudo amado por seu povo.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, ele sedimentou toda essa experiência de homem público com outros cursos acadêmicos, como de pós-graduação em Finanças e Economia e ainda encontrou disposição para cursar a Escola Superior de Guerra. Como empresário bem-sucedido, dirigiu os bancos do Brasil e Nacional de Desenvolvimento Econômico.

Tancredo deixa ainda como legado político-cultural, vários trabalhos científicos publicados, como «Regime Parlamentar e a Realidade Brasileira» (Revista Brasileira, 1962) e «Panorama Mundial e Segurança Nacional» (Escola Superior de Guerra, 1962), entre outros, além de inúmeros discursos escritos, que são considerados verdadeiros tratados sobre uma arte que ele entendia bem: a política. Tancredo fez parte ainda da Academia Mineira de Letras e da Ordem dos Advogados do Brasil.